

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de **03/09/2026.**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis

HILTON PEREIRA DA SILVA JUNIOR

**O MAL-ESTAR DA CRÍTICA LITERÁRIA FRENTE AO PROTAGONISMO NEGRO E À
REPRESENTAÇÃO HOMOERÓTICA NO ROMANCE NATURALISTA *BOM CRIOULO*
(1895), DE ADOLFO CAMINHA**

Assis - SP
2025

HILTON PEREIRA DA SILVA JUNIOR

**O MAL-ESTAR DA CRÍTICA LITERÁRIA FRENTE AO PROTAGONISMO NEGRO E À
REPRESENTAÇÃO HOMOERÓTICA NO ROMANCE NATURALISTA *BOM CRIOULO*
(1895), DE ADOLFO CAMINHA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Cláudio Alves Marques

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

**Assis-SP
2025**

S586m Silva Júnior, Hilton Pereira da
O mal-estar da crítica literária frente ao protagonismo negro e à representação homoerótica no romance naturalista Bom Crioulo (1895), de Adolfo Caminha / Hilton Pereira da Silva Júnior. -- Assis, 2025
153 p. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Francisco Cláudio Alves Marques

1. Adolfo Caminha. 2. Bom Crioulo. 3. Recepção Crítica. 4. Interseccionalidade. 5. Literatura Brasileira. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A proposta do romance naturalista *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, teve um impacto potencial significativo e multifacetado, especialmente considerando o contexto social e literário do final do século XIX no Brasil. A obra desafiou normas sociais e literárias conservadoras, provocando críticas negativas e marginalização imediatos, mas também abrindo caminho para uma reflexão crítica sobre temas até então silenciados, consolidando-se como uma obra pioneira e fundamental na literatura naturalista e na representação da diversidade no Brasil.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The proposal of Adolfo Caminha's naturalist novel *Bom Crioulo* (1895) had a significant and multifaceted potential impact, especially considering the social and literary context of late 19th-century Brazil. The work challenged conservative social and literary norms, prompting immediate negative criticism and marginalization, but also paving the way for critical reflection on previously silenced themes, consolidating its position as a pioneering and fundamental work in naturalist literature and the representation of diversity in Brazil.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE HILTON PEREIRA DA SILVA JUNIOR, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 03 dias do mês de setembro do ano de 2025, às 14h, no(a) Sala da Congregação e sala virtual: meet.google.com/rdj-jtib-ffu, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de HILTON PEREIRA DA SILVA JUNIOR, intitulada **O MAL-ESTAR DA CRÍTICA LITERÁRIA FRENTE AO PROTAGONISMO NEGRO E À REPRESENTAÇÃO HOMOERÓTICA NO ROMANCE NATURALISTA BOM CRIOULO (1895), DE ADOLFO CAMINHA**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI (Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. WAGNER CORSINO ENEDINO (Participação Virtual) do(a) UFMS/Três Lagoas - MS. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES

Dedico este trabalho à minha mãe, Jussimara; e às minhas avós, Vó Priscilina Ferreira e a querida vó Preciosa (In Memoriam); à minha tia Joana (In Memoriam), mulher amável, acolhedora, excelente cozinheira e pessoa inspiradora, que me ensinou muito sobre educação; à bisavó Ana Bernardes; bisavó Prisciliana; bisavó Tereza (In Memoriam); e à Vó Maria do Carmo.

A elas, por suas vidas, histórias e força. Mulheres que, com sabedoria, coragem e amor, deixaram marcas profundas que atravessam gerações e continuam vivas em mim. Este caminho também é delas e por elas.

Agradecimentos

Dedico a Deus, pela vida, pela luz e pela força que me guiaram em cada etapa desta jornada.

Aos meus ancestrais, cuja existência e resistência abriram o caminho que hoje percorro, presto minha sincera reverência.

À minha mãe, Jussimara da Silva – a melhor mãe do mundo –, por ter me concedido a vida. Sua força, amor e esperança são fonte constante de inspiração e o combustível para cada conquista ao longo deste processo.

Às minhas irmãs, também grandes mães, sempre torcedoras e amadas, profunda gratidão.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, por oferecerem um ambiente de aprendizado, pesquisa e transformação.

Ao meu orientador, Professor Dr. Francisco Cláudio Alves Marques, pelo importante apoio que ultrapassou a orientação acadêmica, incluindo amizade sincera, escuta atenta, paciência, confiança e um olhar sensível que fez esta pesquisa crescer e florescer.

À banca de qualificação, a Professora Dra. Cleide Antonia Rapucci e Professor Dr. Rubens Pereira dos Santos, agradeço pela leitura cuidadosa, críticas construtivas que ampliaram horizontes e pelos apontamentos importantes que fortaleceram o desenvolvimento desta dissertação.

Registro também minha gratidão à equipe da Biblioteca da UNESP de Assis, cuja organização, cordialidade e eficiência foram fundamentais para o acesso às obras e fontes indispensáveis ao estudo.

Aos amigos e a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram com esta caminhada acadêmica, expresso meus sinceros agradecimentos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Vivemos numa espécie de protetorado de Midas, onde o talento é calculado pelo tamanho das orelhas... A Arte, a grande Arte, é ainda para nós uma seara virgem, uma terra prometida.

Adolfo Caminha

SILVA JUNIOR, Hilton Pereira da. **O mal-estar da crítica literária frente ao protagonismo negro e à representação homoerótica no romance naturalista *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha**. 2025. 153 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Vida Social) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa parte da hipótese de que o romance naturalista *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, foi alvo de rejeição pela crítica literária no final do século XIX devido à sua abordagem pioneira e polêmica do homoerotismo, temática considerada tabu e imoral pela sociedade da época. A partir dessa suposição, investiga-se como a ocorrência negativa da crítica — que rotulou a obra como “imoral” e “detestável” — evidenciou as sobrecargas sociais e morais do período, contribuindo para a marginalização do livro. Ao mesmo tempo, supõe-se que o estigma e a polêmica em torno da obra tenham estimulado sua circulação e suscitado diferentes interpretações críticas, a despeito de sua importância enquanto crítica social e marco do Naturalismo brasileiro ter sido subestimada por décadas. Desse modo, esta dissertação busca analisar como a recepção contemporânea e posterior a *Bom Crioulo* revela os conflitos entre normas morais, representações literárias e questões sociais emergentes no Brasil do século XIX, com foco especial na dimensão homoerótica do romance e seu impacto na crítica literária. A metodologia empregada é de natureza qualitativa e bibliográfica, concentrando-se na análise da escrita do romance, bem como no estudo da interseccionalidade conforme Collins e Bilge (2021), e nos conceitos de heteronormatividade compulsória e heterossexualidade compulsória, conforme Colling e Tedeschi (2019).

Palavras-Chave: Literatura Brasileira; *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha; Recepção Crítica; Interseccionalidade; Heteronormatividade Compulsória; Heterossexualidade Compulsória.

SILVA JUNIOR, Hilton Pereira da. **The unease of literary criticism in the face of black protagonism and homoeroticism in the naturalist novel *Bom Crioulo* (1895), by Adolfo Caminha**. 2025. 153 f. Dissertation (Master's Degree in Literature). Faculty of Sciences and Letters, Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2025.

ABSTRACT

This research is based on the hypothesis that Adolfo Caminha's naturalist novel *Bom Crioulo* (1895) was rejected by literary critics in the late 19th century due to its pioneering and controversial approach to homoeroticism, a topic considered taboo and immoral by society at the time. Based on this assumption, the study investigates how the negative critical response – which labeled the work "immoral" and "detestable" – revealed the social and moral burdens of the period, contributing to the book's marginalization. At the same time, it is assumed that the stigma and controversy surrounding the work stimulated its circulation and sparked diverse critical interpretations, despite its importance as a social critique and landmark of Brazilian Naturalism having been underestimated for decades. Thus, this dissertation seeks to analyze how the contemporary and subsequent reception of *Bom Crioulo* reveals the conflicts between moral norms, literary representations, and emerging social issues in 19th-century Brazil, with a special focus on the novel's homoerotic dimension and its impact on literary criticism. The methodology employed is qualitative and bibliographic, focusing on the analysis of the novel's writing, as well as the study of intersectionality according to Collins and Bilge (2021), and the concepts of compulsory heteronormativity and compulsory heterosexuality, according to Colling and Tedeschi (2019).

Keywords: Brazilian Literature; *Bom Crioulo*; Adolfo Caminha; Critical Reception; Homoeroticism; Intersectionality; Compulsory Heteronormativity; Compulsory Heterosexuality.

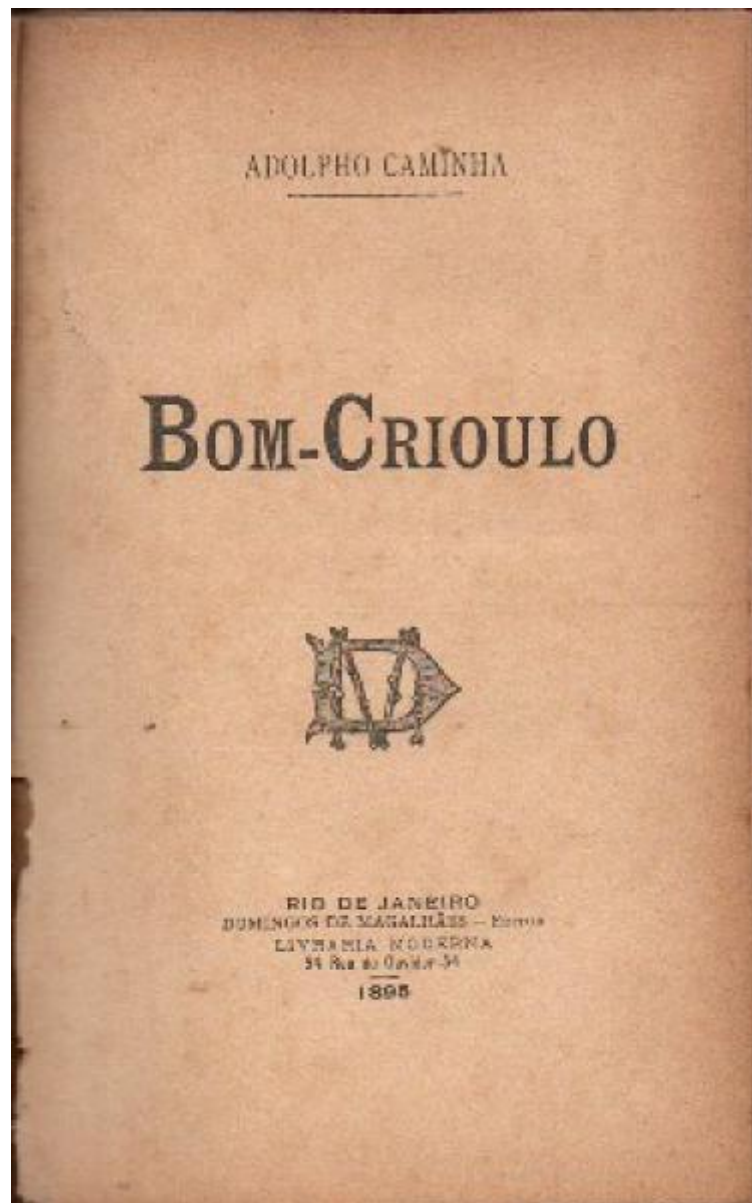
Lista de Figuras

Figura 1 – <i>Bom Crioulo</i> , capa (1895)	11
Figura 2 – Retrato de Adolfo Caminha, em litografia de Pastor	12
Figura 3 – Capa da edição francesa de <i>Bom Crioulo</i> , traduzido como <i>Rue de la Misericorde</i> e publicada em 1996 pela editora parisiense Editions Métailié	37
Figura 4 – Cais Pharoux e Mercado da Praia do Peixe, 189?, Rio de Janeiro	43
Figura 5 – Câmara e Cadeia Velha na Rua da Misericórdia, Rio de Janeiro (1911)	66
Figura 6 – Anúncio das obras de Adolfo Caminha pelo editor Domingos Magalhães	84
Figura 7 – Anúncio de venda de o <i>Bom Crioulo</i> de Adolfo Caminha (<i>O País</i>)	85
Figura 8 – Duas páginas da caderneta de Raimundo Ferreira dos Santos Caminha, pai de Adolfo Caminha, referentes ao nascimento e batismo do escritor	88
Figura 9 – Sete membros da Padaria Espiritual (1892)	90
Figura 10 – Capa da segunda edição de <i>Bom Crioulo</i> (Editora J. Fagundes, 1936)	123
Figura 11 – Capa da terceira edição de <i>Bom Crioulo</i> (Simões Editora, 1956)	124

SUMÁRIO

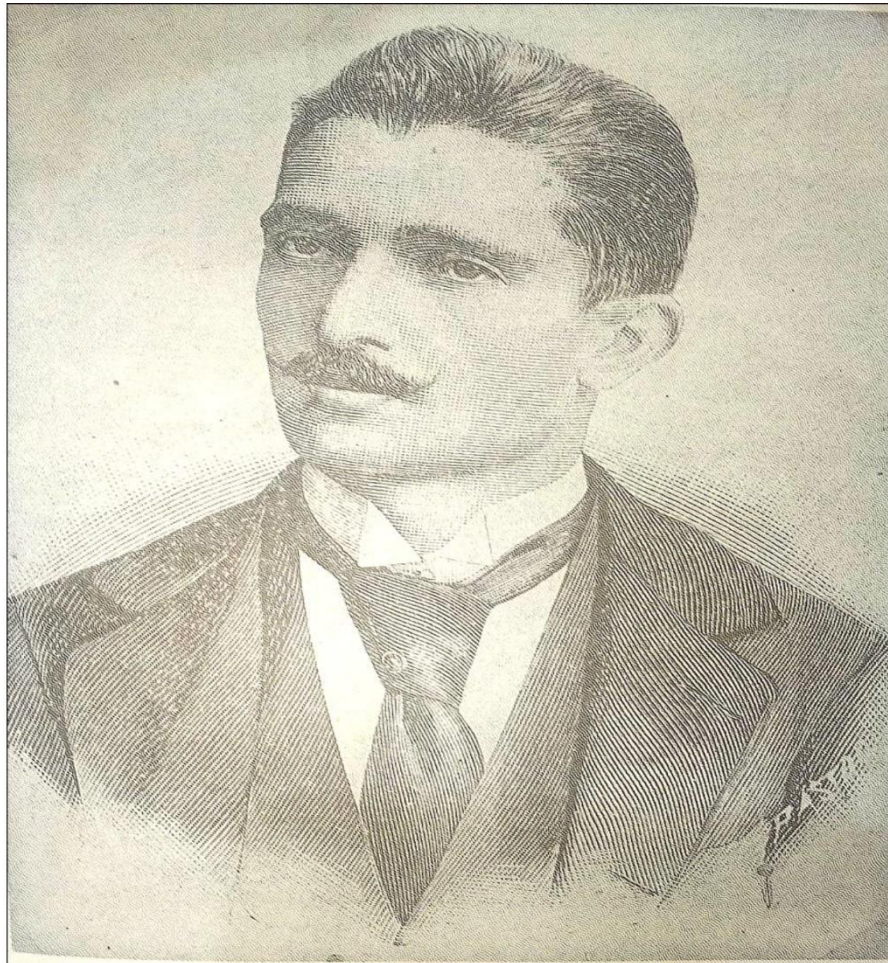
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
<i>BOM CRIOULO</i> E O BRASIL OITOCENTISTA	
1.1 A questão da homossexualidade no Brasil oitocentista	25
1.2 <i>Bom Crioulo</i> , de Adolfo Caminha (1895): algumas considerações	31
CAPÍTULO II	
RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DE <i>BOM CRIOULO</i> NA PERSPECTIVA DA “INTERSECCIONALIDADE”	
2.1 “Avenidas que se cruzam”	48
2.2 D. Carolina: o caminho para a “normalização”	70
2.3 Traição entre o mar e o quartinho da Misericórdia	76
CAPÍTULO III	
OS PERIÓDICOS E A POPULARIZAÇÃO DE <i>BOM CRIOULO</i>	
3.1 <i>Bom Crioulo</i> na imprensa oitocentista	81
3.2 Adolfo Caminha e a Padaria Espiritual	87
3.3 Traços do Naturalismo em <i>Bom Crioulo</i>	92
CAPÍTULO IV	
A RECEPÇÃO CRÍTICA DE <i>BOM CRIOULO</i> E AS RÉPLICAS DE ADOLFO CAMINHA	
4.1 O mal-estar da crítica literária	105
4.2 A escrita combativa de Caminha: respostas à crítica	112
4.3 Reconhecimento e reinterpretações de <i>Bom Crioulo</i>	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS	
Anexo I – Valentim Magalhães, <i>A Notícia</i> , 20 de novembro de 1895 (Excertos)	145
Anexo II – José Veríssimo, “Imprensa”, <i>Jornal do Comércio</i> , Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1895 (Excertos)	148
Anexo III – Adolfo Caminha. Um livro Condenado. <i>A Nova Revista</i> , Rio de Janeiro, v. 2, fev. 1896	150

Figura 1



Bom Crioulo, capa da edição de 1895.

Figura 2



Retrato de Adolfo Caminha, em litografia de Pastor. Publicado em “A mala da Europa” (Portugal, 1896). Fonte: Azevedo, 1999.

INTRODUÇÃO

Segundo Luiz Nazario (2017), na França do século XIX Emile Zola aprofunda o Naturalismo com seu *Le Roman Expérimental* (*O Romance Experimental*, 1880), ao afirmar “ser possível desvendar as ‘verdades’ dos comportamentos do homem pela análise minuciosa de seus meios sociais” (Nazario, 2017, p. 25).

Em Portugal, conforme Nazario, Camilo Castelo Branco adota o Naturalismo na novela *Eusébio Macário* (1879). Em resposta a críticas que o acusavam de simplesmente parodiar o estilo de Zola, Camilo afirma que não teve a intenção de “ridicularizar a escola realista” e que admirava obras realistas e naturalistas anteriores, como *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*. No prefácio à segunda edição de *Eusébio Macário* (1879), ele nega ter sido influenciado por Zola, alegando: “não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço”, e explica que conheceu Zola e o Naturalismo através de um familiar:

Eu não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço de o ouvir apreciar a uma pessoa de minha família que me fez compreender a escola com duas palavras: “E a tua velha escola com uma adjetivação de casta estrangeira, e uma profusão de ciência compreendida na ‘Introdução aos três remos’. Além disso tens de pôr a fisiologia onde os românticos punham a sentimentalidade: derivar a moral das bossas, e subordinar à fatalidade o que, pelos velhos processos, se imputava à educação e à responsabilidade.” (Castelo Branco, [1879] 2014, p. 3).

Camilo conclui que já pensava assim há vinte e cinco anos, quando Balzac tinha nele “o mais inábil e ordinário dos seus discípulos”, explicando que o Naturalismo entra em sua obra a partir de uma compreensão pessoal e indireta da escola, rejeitando uma simples imitação de Zola e colocando a fisiologia e a fatalidade como elementos centrais no lugar da sentimentalidade romântica.

No *Le Roman Expérimental*, Zola (2004, p. 16-17, 30-31, 74-75) destaca que o romance naturalista se caracteriza por ser uma “consequência da evolução científica do século”, que “continua e completa a fisiologia, baseada na química e na física”. Ele afirma que esse tipo de romance substitui o estudo do “homem abstrato, do homem metafísico” pelo estudo do “homem natural, sujeito às leis físico-químicas e determinado pelas influências ambientais”. Além disso, enfatiza que os romancistas naturalistas “observam e experimentam”, movidos pela dúvida diante de “verdades pouco conhecidas” e

"fenômenos inexplicáveis", até que uma "ideia experimental desperta seu gênio" e os leva a "instituir um experimento, analisar os fatos e se tornar mestres deles".

Para Zola (2004, p. 30-31, 74-75), o "homem metafísico está morto" e o foco passa a ser o "homem fisiológico", motivo pelo qual é necessário "analisar a cólera e o amor e ver exatamente como essas paixões funcionam nos seres humanos". Assim, o ponto de vista adotado é "novo" e "experimental em vez de filosófico", resumindo-se na aplicação do "método experimental, tanto nas letras como nas ciências", o qual procura "determinar os fenômenos naturais, individuais e sociais" que antes recebiam apenas explicações "irracionalis e sobrenaturais", características que definem o núcleo da abordagem naturalista que influenciou a literatura europeia e brasileira.

Na "Advertência" ao seu livro *Naturalismo em Literatura*, Sílvio Romero observa que o Romantismo estava em decadência no Brasil, afirmando que nas diversas colaborações jornalísticas que tinha escrito até então, havia atacado a "velha doutrina, a favor da intuição naturalista e científica, em literatura." (Romero, 1882, p. IV). Mais adiante, destaca que a bandeira do Naturalismo "exprime mais nitidamente a feição geral da literatura contemporânea do que o termo Realismo" (Romero, 1882, p. 9), definindo a nova escola nos seguintes termos: "O naturalismo é o contrário da intuição fantasista, do romanticismo aéreo, mórbido, inconsistente, histérico." (Romero, 1882, p. 10).

Parafraseando Zola, Romero salienta que

a tendência do naturalismo, seu método e desígnios consistem pura e especialmente no abandono das criações aéreas, despidas de verdade e oriundas da fantasia desregrada. Embalde tem ele [Zola] mostrado *ad oculos* que a nova intuição visa transportar para o romance e para a arte em geral os métodos de observação, os processos analíticos próprios para surpreender o homem no desenvolvimento normal de suas paixões. (Romero, 1882, p. 11 – grifo do autor).

Estas palavras de Romero, tomadas de Zola, serão posteriormente utilizadas para criticar o Realismo-Naturalismo praticado por alguns escritores brasileiros que, segundo ele, destacando "jogam nas páginas dos jornais uma gíria grosseira, falsa e fátua na sua pretenciosidade de naturalismo" (Romero, 1882, p. 12). Segundo Alfredo Bosi, no Brasil, "O Realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das 'leis naturais' que a ciência da época julgava ter decodificado" e que na prosa de autores como Aluísio Azevedo, Raul

Pompeia e Adolfo Caminha, “é a moral cinzenta do fatalismo que se destila [...]” (Bosi, 2017, p. 178).

No contexto brasileiro do final do século XIX, a crítica literária esperava que uma obra naturalista apresentasse um retrato objetivo e científico da realidade, enfatizando o determinismo — isto é, a ideia de que o destino dos personagens é condicionado por fatores biológicos, sociais e ambientais, conforme as “leis naturais” da época. A linguagem deveria ser direta, desprovida de sentimentalismos, e os temas abordados incluíam as patologias humanas, as condições sociais adversas e os instintos dominantes, especialmente o sexual.

Nelson Werneck Sodré, na sua *História da literatura brasileira* (primeira edição de 1938), ressalta que as condições que deram origem ao Naturalismo na Europa não coincidem com as do Brasil, indicando que o movimento europeu, fundado em um olhar científico e determinista, enfrentava uma realidade social e histórica distinta da brasileira, o que influenciava a recepção e a prática do Naturalismo em nosso país:

Não havia [...] nenhum elemento específico capaz de proporcionar o aparecimento do processo, que se ligava estreitamente [na Europa] à etapa então atravessada pela burguesia, quando o desenvolvimento industrial, gerando as grandes aglomerações urbanas e a extensa divisão do trabalho, esmagava o humano e reduzia o artista à posição de mero observador. (Sodré, 1964, p. 384).

Enfim, a crítica do período esperava que o naturalismo brasileiro mantivesse a fidelidade ao método científico e determinista, mas também reconhecia a dificuldade de aplicar integralmente essas premissas europeias ao contexto nacional, marcado por suas próprias especificidades sociais e culturais.

Na sequência de sua crítica ao Naturalismo no Brasil, Sodré identifica uma espécie de “falsidade transparente” na forma como nossos escritores se apropriavam do processo naturalista. Segundo ele, essa apropriação se disfarçava “para salvar a sua contribuição, na minuciosa descrição dos costumes.” Após apontar essa fragilidade dos nossos “pretensos” naturalistas, Sodré observa que as obras naturalistas brasileiras perdiam força ao tentarem se aproximar dos modelos estrangeiros, sem conseguir ressonância. Ele conclui sua análise de maneira sucinta, afirmando que essa tentativa de aproximação com os naturalistas europeus ficou “[...] marcada especialmente no terreno de uma pretensa fisiologia, que reduz[ia] o amor a uma relação mecânica e que só

alcança[va] o interesse do público por motivos estranhos à literatura.” (Sodré, 1964, p. 385).

Segundo Sodré, a breve duração do Naturalismo brasileiro decorreu da representação "mecânica do amor", que foi uma das principais razões para que esse movimento literário se tornasse um "mero episódio em nosso desenvolvimento literário" (Sodré, 1964, p. 385). Além da tentativa de reconstituição do quadro de costumes — um aspecto comum ao Naturalismo em geral —, Sodré acrescenta que o Naturalismo brasileiro se distinguiu particularmente pela tendência de, no campo individual, enfatizar os "aspectos mórbidos, ou aqueles que, no tratamento naturalista, tornavam-se mórbidos" (Sodré, 1964, p. 388).

Além disso, o crítico observa que essa ênfase nos aspectos mórbidos foi "o traço mais nítido de sua transparente falsidade", indicando certa artificialidade e superficialidade na representação naturalista no Brasil e contextualizando o Naturalismo brasileiro como um produto importado, inadequado para a realidade social da época, marcada por uma sociedade escravocrata e rural, que não tinha condições para aceitar ou desenvolver plenamente o Naturalismo europeu, o que ajudou a limitar a sua relevância e duração no Brasil.

A curta duração dos autores naturalistas no Brasil também foi apontada por Olívio Montenegro em 1953, quando afirmou que os escritores mais célebres da escola naturalista, cujos romances “foram verdadeiras fotografias em série da vida que reproduzem”, foram gradualmente perdendo “todo o dia na admiração e no gosto das novas gerações” (Montenegro, 1953, p. 25). De forma mais crítica, Sodré (1964, p. 386) ressalta que os naturalistas brasileiros evocavam o meio social apenas para justificar as reações das personagens, traindo assim os postulados mais fecundos da escola naturalista. Eles seguiram Zola e Eça de Queirós sem considerar as diferenças entre as sociedades francesa, portuguesa e o nosso meio em formação.

Por não terem observado essas nuances, o Naturalismo brasileiro não teria correspondido a uma solicitação genuína do meio, que estava despreparado para receber e compreender as manifestações da nova escola. Dessa forma, não conseguiu expressar “a realidade do meio”, como exigiam os fundamentos teóricos da fórmula, limitando-se a reproduzir, muitas vezes com rigor extremo, “formulações distanciadas de tudo aquilo que o Brasil apresentava como peculiar” (Sodré, 1964, p. 387).

Será que o Naturalismo teve vida breve no Brasil apenas porque não tínhamos uma sociedade no mesmo estágio de desenvolvimento material e civilizatório que a europeia do final do século XIX, ou porque abordava temas sensíveis aos olhos da sociedade brasileira da época, ainda fortemente conservadora?

A crítica ao Naturalismo brasileiro no início do século XX, embora reconheça timidamente alguns méritos das obras naturalistas, ainda reproduz muitas das ressonâncias da crítica ácida e negativa do final do século XIX, especialmente ao reduzir essas obras a meras descrições de costumes e ao tratamento de temas mórbidos considerados alheios ao interesse da sociedade brasileira. Possíveis respostas a essa indagação podem ser encontradas nas análises críticas das obras *A Normalista* (1893) e *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha.

Com base nos fundamentos apresentados, antecipamos algumas notas sobre a recepção crítica de *Bom Crioulo*, com foco nas leituras realizadas por Valentim Magalhães e José Veríssimo, cujas críticas, feitas ainda em 1895, ano do lançamento do romance, são especialmente relevantes para a compreensão do impacto imediato da obra. A partir dessas considerações, examinaremos as estratégias discursivas desses críticos e como elas contribuíram para a marginalização tanto do romance quanto de seu autor.

Adolfo Caminha permaneceu por muito tempo relegado a uma posição periférica na história da literatura brasileira, não apenas pelo conteúdo de *Bom Crioulo*, mas também por um esforço mais amplo de apagamento de sua trajetória literária. As críticas de Veríssimo e Magalhães revelam não só uma rejeição à temática do romance, mas também um esforço para desqualificar o autor, atacando-o em termos estéticos, morais e pessoais. Esse prolongado processo de apagamento, contudo, não impediu que a obra despertasse o interesse de muitos leitores ao longo do tempo. Pelo contrário, justamente por sua ousadia temática e pelo desconforto que provocou, *Bom Crioulo* continuou a suscitar curiosidade, debates e novas interpretações — reforçando sua relevância e o papel central que pode ocupar numa revisão crítica da literatura brasileira.

A relativa ausência de Adolfo Caminha na história literária brasileira pode ser observada no fato de que *Bom Crioulo* só teve uma segunda edição publicada em 1936, pela editora J. Fagundes, embora a obra tenha sido publicada na França em 1996, traduzida como *Rue de La Misericorde* — referência à Rua da Misericórdia, no Rio de

Janeiro, onde se passa parte da trama —, fato que evidencia o contraste entre o apagamento sofrido no Brasil e o reconhecimento internacional da obra, ressaltando sua importância literária e histórica.

Outro exemplo dessa ausência está no livro *História da Literatura Brasileira* (1998), de José Veríssimo, em que o nome do escritor cearense está completamente ausente, um silêncio por si só eloquente. A ausência do nome de Caminha em alguns historiadores da literatura brasileira é percebida pelos críticos do início do século XX, a exemplo de Valdemar Cavalcanti, no artigo intitulado “O rejeitado Adolfo Caminha”, publicado inicialmente na *Revista do Brasil*, em 1941, e depois na coletânea *O Romance Brasileiro (de 1752 a 1930)*, organizado por Aurélio Buarque de Holanda em 1952.

Cavalcanti observa que, no contexto da pequena e modesta família dos naturalistas brasileiros, a figura de Adolfo Caminha vai “se acinzentando cada vez mais, encolhida a um canto”. Enquanto autores como Aluísio Azevedo ainda “falam alto” e Raul Pompeia “se faz ouvir à distância”, a voz de Caminha é um “fio de voz, tímido e fino, quase se perde sem acústica no correr dos tempos”. Para Cavalcanti, em torno do romancista não impera “nenhum rumor de interesse, nenhuma curiosidade, nenhuma palpitação de vida”. O que sobrevive é “só o esquecimento, o torpor e a morte” (Cavalcanti, 1952, p. 179).

Lúcia Miguel-Pereira apresenta observações semelhantes às de Cavalcanti, porém acrescenta outros possíveis motivos para o silêncio em torno do nome de Caminha. Ela destaca que, em seu tempo, o escritor não foi considerado entre os melhores, mencionando que José Veríssimo parece não ter tido conhecimento da existência do autor, enquanto Romero apenas cita seu nome de passagem. A autora supõe ainda que o temperamento de Caminha e o declínio do interesse pelos textos naturalistas contribuíram para seu alegado esquecimento:

Talvez o feitio agressivo e a amargura de homem que se conhecia superior ao seu destino lhe valessem antipatias que explicariam em parte o silêncio em torno dele. É porém mais provável que, surgindo quando já começava a murchar a voga do naturalismo, os seus livros tivessem sido acolhidos com o enfado que não poderia deixar de causar a monotonia de processos literários que se vinham repetindo desde a estreia de Aluísio Azevedo. (Miguel-Pereira, 1973, p. 169).

Além disso, Araripe Junior, em um texto que exalta a escrita de Caminha em *A Normalista*, lamenta que o autor tenha surgido quando o Naturalismo já estava em

decadência no Brasil, dizendo que o romancista, apesar de suas qualidades notáveis, chegou tarde para impor suas inovações à “resistência cavilosa dos românticos” e que seu livro seria muito mais valorizado se tivesse sido publicado cinco ou seis anos antes: “o seu livro, que teria obtido um sucesso extraordinário cinco ou seis anos atrás, entrou no quadro da literatura apenas como documento de uma segura aptidão para o gênero.” (Araripe Junior, 1896, p. 143).

Embora Veríssimo não mencione Caminha na sua *História da Literatura Brasileira*, as considerações do crítico com relação às correntes literárias que sucederam o Romantismo, rompendo com a idealização comum aos autores dessa corrente literária, ajudam a entender as análises negativas feitas pela crítica conservadora à escrita de Caminha, uma vez que o Realismo e o Naturalismo são duas dessas correntes do segundo quartel do século XIX que rompem com as idealizações românticas, introduzindo um “pensamento moderno” nas letras nacionais. Segundo Veríssimo, esse pensamento moderno “Não chegou [...] a criar manifestação literária alguma bastante considerável e homogênea, e suficientemente distinta, para a podermos nomear com exatidão segundo os seus particulares caracteres literários.” (Veríssimo, 1998, p. 17).

Além disso, o crítico destaca outras particularidades do que chama de “pensamento moderno”, característico das novas manifestações literárias brasileiras. Segundo Veríssimo (1998, p. 17), “o que principalmente distinguiu e afeioou este nosso movimento espiritual ou mais propriamente literário posterior ao Romantismo foi o pensamento científico e filosófico triunfante por meados do século XIX — caracterizado pelo preconceito da infalibilidade da ciência e por uma exagerada opinião da sua importância.” Ele continua explicando que esse pensamento, presente tanto No Brasil como em outros lugares, recebeu a denominação “pouco precisa, mas em suma bastante significativa, de pensamento moderno”. Veríssimo ressalta ainda que, nesse contexto, esse pensamento “produziu [...] maior e mais raciocinado desapego às crenças tradicionais religiosas ou políticas, gerou o acatolicismo ou o agnosticismo em grande número de espíritos e o republicanismo ainda em maior número” (1998, p. 17).

Ainda segundo José Veríssimo (1998, p. 158), o principal demérito do naturalismo de extração zolista (influenciado por Émile Zola) no Brasil era a vulgarização da arte, haja vista que esse naturalismo não apresentava nenhum ingrediente novo e era amplamente acessível a todos. Seus temas, processos e estética estavam ao alcance de qualquer pessoa, que se deliciava em discutir obras que traziam

as vulgaridades da vida cotidiana, valorizando descrições minuciosas e banais, vulgarização que tornou a arte pouco refinada e trivial.

Quanto às causas da efemeridade do Naturalismo no Brasil, Veríssimo (1998) destaca que o naturalismo zolista já estava em declínio na França quando foi introduzido no Brasil, o que contribuiu para sua curta duração no cenário literário brasileiro. Além disso, a impressão de falta de novidade e a repetição de fórmulas desgastadas ajudaram a tornar esse movimento literário passageiro.

Apesar das críticas negativas dirigidas aos autores naturalistas brasileiros, alguns críticos reconheceram qualidades estéticas nas obras que seguiram a escola de Zola no Brasil. Araripe Junior, por exemplo, teceu considerações positivas sobre *O Mulato* e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e isentou Azevedo de simplesmente copiar o estilo do escritor francês, conforme artigo publicado no jornal português *Novidades*, em 22 de março de 1888:

Aluísio Azevedo, constituindo-se o corifeu do naturalismo em sua terra, não cometeu o erro de copiá-lo servilmente; ele compenetrrou-se, primeiro, do espírito da revolução operada pelo mestre; mas, organicamente, diferente de Zola, impelido pela força de sua índole, talvez mais do que ele pensa, enveredou pela trilha única que o há de levar ao acampamento triunfante. (Araripe Júnior, 1978, p. 127),

no entanto, observa que o Naturalismo de Zola “precisaria ser adaptado, ou melhor, aclimatado ao clima tropical, mental e social do Brasil”, apontando que, nesta terra, a “languidez dos anêmicos produz o lirismo de Casimiro de Abreu”, mas também existem os “sanguíneos, que se refazem na higiene e escapam ao torpor”, sendo que, caso contrário, “são loucos furiosos, ou vivem em uma perene embriaguez de luz, de azul, de crepúsculos rubros, de felicidade tropical”.

Araripe Júnior salienta que essa felicidade é descrita, na frase de Capistrano de Abreu, como a dos “lagartos verdes, dos camaleões, nos dias claros, de sol límpido, subsequentes às grandes trovoadas”, de modo que, para ele, “o naturalismo, ou se subordina a esse estado de coisa, ou se torna uma planta exótica – de mera curiosidade”. Assim, “a nova escola tem de entrar pelo trópico de Capricórnio, participando de todas as alucinações que existem no fermento do sangue doméstico, de todo o sensualismo que queima os nervos do crioulo”. (Araripe Júnior, 1978, p. 127).

Segundo Araripe Júnior, a melhor forma de exprimir o naturalismo à brasileira seria: “*O naturalismo brasileiro é a luta entre o cientificismo desalentado do europeu e o lirismo nativo americano pujante de vida, de amor, de sensualidade.*” (Araripe Júnior, 1978, p. 127 – grifos do autor).

A história da literatura está marcada por tensões entre a inovação artística e a resistência conservadora, o que torna essencial compreender essas dinâmicas para apreciar o legado de escritores como Adolfo Caminha. Este trabalho propõe-se a aprofundar as interações entre autor, obra e crítica literária no Brasil do final do século XIX, analisando não apenas as divergências críticas, mas também os contextos sociais que influenciaram essas percepções. Dado que a literatura expressa os valores sociais e as tensões de cada época, focamos na análise do romance *Bom Crioulo* à luz da crítica que recebeu logo após sua publicação em 1895.

Além de revisitar as críticas feitas a *Bom Crioulo*, este estudo busca aprofundar as consequências dessas avaliações para a compreensão do Naturalismo brasileiro como um movimento literário fundamental na “construção da identidade cultural nacional” do século XIX. Pretende-se também estabelecer um diálogo com a defesa que Antonio Candido faz da relação entre “literatura e sociedade”, especialmente nas diversas modalidades de “estudos sociológicos aplicados à literatura”.

Segundo o crítico,

Todas estas modalidades e suas numerosas variantes são legítimas e, quando bem conduzidas, fecundas, na medida em que as tomarmos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora algumas delas satisfaçam também as exigências próprias do crítico. Em todas nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade. (Candido, 2019, p. 21).

Nessa perspectiva, o estudo reforça a importância de considerar a literatura não apenas como produto estético, mas também como resultado e reflexo das condições sociais e históricas que nela se manifestam. A análise da recepção crítica de *Bom Crioulo* permite perceber não só os desafios enfrentados por Adolfo Caminha, mas também as complexidades do Naturalismo no Brasil.

O diálogo com críticos contemporâneos a Caminha, estabelecido no último capítulo da pesquisa, revela as expectativas da época em relação a determinadas obras literárias, evidenciando como a recepção crítica favoreceu uma visão conservadora e

elitista que marginalizou escritores e narrativas que abordavam temas e complexidades sociais das camadas populares.

Assim, esta dissertação pretende contribuir para uma compreensão ampliada, na medida do possível, das interações entre literatura e sociedade no Brasil do século XIX, destacando como essas relações moldaram tanto as obras quanto seus autores, e como a crítica literária ao longo do tempo determinou a valorização ou o apagamento de determinados discursos literários.

Para complementar essa análise, incorporamos alguns verbetes do *Dicionário Crítico de Gênero*, organizado por Ana Maria Colling e Losandro Antônio Tedeschi (2019), obra fundamental para o debate sobre sexualidades e identidades de gênero. Concebido como um guia conceitual para a historiografia do gênero, o dicionário oferece definições e reflexões críticas que aprofundam a compreensão de categorias essenciais para este estudo, como homoafetividade, homossexualidade, heteronormatividade e heterossexualidade compulsória. A inclusão dessas notas visa fortalecer a articulação entre teoria e literatura, promovendo uma reflexão mais ampla sobre as representações sociais de gênero e sexualidade em *Bom Crioulo* e nas críticas que a obra suscitou.

Bom Crioulo vem sendo reconhecido como o primeiro romance brasileiro a tratar da homossexualidade como tema central, apresentando um protagonista negro e homossexual, o marinheiro Amaro, cuja relação com Aleixo, um jovem branco, gerou forte polêmica e repúdio na crítica literária da época. A obra expõe a dureza da vida no mar e as tensões sociais, evidenciando a coragem de Caminha ao abordar temas marginalizados e desafiadores para o século XIX. A recepção negativa, marcada por uma visão conservadora e preconceituosa, contribuiu para o esquecimento da obra por décadas, apesar de sua importância literária e social.

Nos capítulos I, II, III e IV desta dissertação, procuramos desenvolver uma análise detalhada do romance *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, enfatizando sua relevância social, literária e crítica no contexto do Brasil oitocentista. No **Capítulo I**, exploramos a recepção inicial da obra em sua época, marcada por forte controvérsia devido ao tema da homossexualidade e à representação de um protagonista negro e homossexual. Destacamos também o contexto social e literário de um Brasil conservador e pós-escravidão, além do posicionamento naturalista do romance, que retrata a vida dos marinheiros com realismo e determinismo biológico e social. O capítulo busca também evidenciar a tensão entre a modernidade literária introduzida

por Caminha e o conservadorismo social dominante, mostrando como a crítica da época marginalizou a obra.

No **Capítulo II** aprofundamos a análise da obra sob a perspectiva da interseccionalidade, conceito contemporâneo que considera as categorias de raça, gênero, classe, sexualidade e outras como inter-relacionadas para entender as múltiplas opressões. A análise buscou evidenciar como o romance expõe as formas complexas de opressão sofridas pelas personagens, especialmente negros e marginalizados socialmente no Brasil do século XIX. Neste capítulo, ainda, demonstramos como a personagem D. Carolina simboliza a pressão social pela "normalização" dos corpos e desejos, revelando a hegemonia da heteronormatividade. O capítulo ainda foca no conflito emocional dos personagens, entre resistência e adaptação, diante da exclusão social, abordagem que amplia a compreensão da obra para além do Naturalismo, qualificando-a como uma narrativa de resistência social e de evidência das desigualdades estruturais.

No **Capítulo III** discutimos o papel da imprensa brasileira no século XIX na circulação e popularização do *Bom Crioulo*. Os jornais foram canais fundamentais para a divulgação e crítica do romance, que suscitaram debates ideológicos entre uma literatura inovadora e uma crítica tradicionalista e moralista. Críticos notórios da época, como Valentim Magalhães, lideraram a seleção moralista, embora essa controvérsia tenha ajudado a aumentar a notoriedade da obra. O capítulo também abordou a trajetória pessoal de Caminha e sua inserção em grupos literários vanguardistas, como a Padaria espiritual, que influenciaram seu posicionamento crítico e estilo naturalista, enfatizando as condições duras dos marinheiros, a violência institucional e a exclusão social reveladas na narrativa.

No **Capítulo IV**, a análise concentrou-se na recepção crítica polarizada e negativa do romance no século XIX, destacando os ataques conservadores à obra e ao autor, pela abordagem da homossexualidade e da raça. Essa exclusão implicou na marginalização do texto de Caminha, superada apenas décadas depois. O capítulo examinou também a resposta combativa de Caminha por meio de cartas e artigos que defendem sua obra e criticam a hipocrisia da crítica da época. Finalmente, apresenta o processo tardio de reconhecimento de *Bom Crioulo* a partir da década de 1930, com estudos novos que valorizam sua originalidade temática e estética, reforçando sua

importância para debates contemporâneos sobre identidade, raça, sexualidade e justiça social no Brasil.

Em resumo, a dissertação destaca a integração entre literatura e condições sociais e históricas, apontando o romance como um espaço em que se manifestam opressões sociais e resistências, ampliando a compreensão da complexidade do Naturalismo brasileiro e da crítica literária ao longo do tempo. A inclusão de conceitos do *Dicionário Crítico de Gênero* (Colling; Tedeschi, 2019) e da interseccionalidade (Collins; Bilge, 2021) fortalece a análise das representações sociais de gênero e sexualidade presentes na obra e na crítica a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogando com pensadores como Antonio Candido, Sílvio Romero, Araripe Júnior, Jacob Guinsburg, Alfredo Bosi, Patrícia Hill Collins, Sirma Bilge, Kimberlé Crenshaw e Michel Foucault, e com pesquisas contemporâneas que ampliam os horizontes interpretativos da literatura, nesta pesquisa procuramos valorizar leituras que rompessem com as abordagens normativas, oferecendo novas formas de compreender *Bom Crioulo* em função do contexto e da época em que foi produzido.

À luz de boa parte dos estudiosos mencionados, as análises realizadas ao longo desta pesquisa sobre a recepção crítica de *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, apontaram para a necessidade de se reavaliar, com seriedade e profundidade, obras que por décadas foram marginalizadas ou silenciadas pela historiografia literária brasileira. Caminha, ao apresentar um protagonista negro, ex-escravizado e homossexual, rompeu, já em 1895, com os padrões normativos de representação literária, desafiando tanto os valores morais de sua época quanto os limites temáticos do Naturalismo nacional, que, embora considerado por alguns críticos como um movimento atrasado, também revelou aspectos sociais importantes além do cientificismo.

Reduzir a importância de *Bom Crioulo* às questões da homoafetividade e da homossexualidade seria ignorar sua complexidade estética, crítica e política, uma vez que o romance inaugura, de forma incômoda e precursora, uma reflexão sobre o protagonismo negro na literatura brasileira. A escolha de Caminha por um personagem que reúne múltiplas formas de exclusão social — pela cor, sexualidade e origem — revela uma sensibilidade literária que ultrapassa a mera intenção provocadora, buscando atingir as estruturas profundas da sociedade brasileira.

Na esteira de Antonio Candido, especialmente em *Literatura e Sociedade*, compreendemos a literatura como expressão ativa da cultura, em diálogo constante com áreas como sociologia, história, antropologia e outras. A produção artística e acadêmica, como nos ensina Candido, permite refletir sobre o que somos e o que aspiramos ser como sociedade.

Estudar Adolfo Caminha, portanto, é mais do que revisitar um romance polêmico: é assumir o compromisso de reler criticamente a história da literatura brasileira sob uma perspectiva interseccional, acolhendo vozes historicamente silenciadas. Isso implica abrir espaço para interpretações que considerem não apenas a

estética, mas os vínculos da obra com estruturas de poder, compromisso de revelar a hipocrisia e as arbitrariedades.

A crítica literária nos periódicos do final do século XIX e início do XX teve papel crucial no desenvolvimento da literatura brasileira. Os críticos da época não apenas julgavam as obras, mas também legitimavam valores, sentimentos e conflitos sociais. As recepções, positivas ou negativas, repercutiam por longos períodos, moldando a opinião pública. Foi o que ocorreu com *Bom Crioulo*, frequentemente rotulado como uma obra degradante, “pornográfica” e “imoral”, reduzida ao viés homoerótico por meio de interpretações que buscavam atenuar ou desqualificar seu impacto.

A análise de *Bom Crioulo* revelou a complexidade de sua recepção e o impacto que causou ao abordar temas como homossexualidade e identidade racial num contexto pós-abolição. A leitura das críticas de Valentim Magalhães e José Veríssimo, vozes influentes da crítica oitocentista, evidenciou silenciamentos significativos, motivando esta pesquisa a propor novas interpretações por meio da análise direta do texto e do romance naturalista e seus personagens.

Publicado apenas sete anos após a Abolição da Escravatura (1888) e seis anos após a Proclamação da República (1889), *Bom Crioulo* emerge num momento histórico crucial. A presença de um personagem negro e homossexual inserido numa instituição conservadora como a Marinha desafiaram diretamente os valores da sociedade brasileira daquele período, o que nos evidenciou o poder da literatura como espaço de crítica social e política.

A partir de uma abordagem interseccional, buscou-se compreender como raça, sexualidade e classe social se entrelaçam tanto na construção do enredo quanto nas formas de recepção crítica. A obra desafia normas sociais e narrativas literárias vigentes, rompendo com expectativas do próprio Naturalismo brasileiro.

Foi possível perceber como a crítica, ao longo do tempo, refletiu visões moralizantes alinhadas a uma elite patriarcal, contribuindo para o apagamento de obras que destoavam dos padrões estabelecidos. Neste sentido, a presente pesquisa procurou destacar a importância de Caminha dentro do Naturalismo, aproximando-o de autores como Émile Zola e Aluísio Azevedo, ao reconhecer sua ousadia ao tratar temas considerados tabus.

Bom Crioulo apresenta uma narrativa homoerótica e homossexual que subverte o modelo tradicional de par romântico ao retratar o envolvimento entre dois homens — um branco e um negro —, o que era impensável à época. Essa subversão expõe o moralismo social e a vulnerabilidade dos corpos marginalizados.

A trajetória de Amaro, marcada por angústias e inaptações, revela tensões entre liberdade e opressão, amor e ciúmes, culminando em um desfecho trágico que evidencia a brutalidade das relações humanas. A narrativa não suaviza os conflitos; ao contrário, adota uma perspectiva crítica e irônica sobre a intimidade dos personagens, expondo as dificuldades da vida no mar e as violências enfrentadas pelos marinheiros.

A relevância de *Bom Crioulo* vai além de seu conteúdo temático: trata-se de uma obra que abriu caminho para discussões mais amplas sobre sexualidade e identidade na literatura brasileira. Apesar da rejeição inicial, a permanência do romance no debate contemporâneo confirma sua força como instrumento de reflexão e resistência.

O Naturalismo brasileiro teve duração curta, condicionado pela força do Romantismo, pelo ideal republicano e pelo ritmo mais lento do desenvolvimento socioeconômico em relação à Europa. Enquanto lá as transformações industriais e científicas avançavam, o Brasil ainda enfrentava desigualdades profundas, sobretudo para a população negra recém-liberta. Ao abordar de forma direta temas sensíveis como sexualidade, racismo e pobreza, o movimento naturalista provocou desconforto e rejeição tanto nos leitores quanto na crítica. Este cenário, foco central da presente pesquisa, revelou a postura de uma elite intelectual empenhada em deslegitimar o valor estético e social de obras que desestabilizassem determinados padrões e a ordem “natural” das coisas.

Pesar de sua curta duração, o Naturalismo produziu obras significativas como *O Mulato* (1881), *O Cortiço* (1890), *O Ateneu* (1888) e *Bom Crioulo* (1895), sendo esta última o foco central desta pesquisa. Ao longo do trabalho, buscamos reapresentar essa obra com base em novas leituras e diferentes perspectivas, desconstruindo interpretações reducionistas e abrindo espaço para abordagens mais inclusivas e críticas desta obra.

Para isso, foram consideradas as contribuições dos autores citados ao longo da pesquisa, oriundos das áreas da psicologia, ciências sociais, historiografia e estudos literários, que enriqueceram a análise e ofereceram ferramentas fundamentais para uma

compreensão mais ampla da literatura brasileira, especialmente no que se refere a *Bom Crioulo*.

A importância da obra transcende seu conteúdo: *Bom Crioulo* inaugura uma nova sensibilidade literária voltada à diversidade e à crítica das normas sociais. Mesmo diante das críticas negativas, sua permanência no debate atual atesta sua relevância como instrumento de reflexão sobre identidade, sexualidade e resistência no Brasil. Compreender os caminhos da crítica e da recepção literária implicou também desvendar os mecanismos de silenciamento que incidiram sobre *Bom Crioulo*, uma vez que a realidade retratada por Caminha era vivida por muitos ex-escravizados e refletia um Brasil em crise institucional e cultural, dominado pelo patriarcalismo. Outras produções do período também apontavam para esse cenário, demonstrando o potencial da literatura de provocar reflexões e romper com normas estabelecidas.

Reconhecer o valor de Adolfo Caminha representa, portanto, um passo histórico para repensarmos o que se entende por “clássicos” da nossa literatura, um movimento essencial para a construção de uma história da literatura brasileira mais inclusiva, plural e comprometida com a diversidade de vozes e experiências que compõem a sociedade brasileira, nos âmbitos social e cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Guilherme Mattos de. A Revolta da Armada (1893). *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*, v. 83, n. 112, p. 33-61, 2024.

ALAMEDA EDITORIAL. A revista no Brasil no século XIX. Disponível em: <<https://www.alamedaeditorial.com.br/a-revista-no-brasil-no-seculo-xix>>. Acesso em: 28 jan. 2025.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Introd. de Mário de Andrade. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

ARARIPE JÚNIOR. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. São Paulo: Edusp, 1978.

ARARIPE JÚNIOR. *Literatura Brasileira. Movimento de 1893. O crepúsculo dos povos*. Rio de Janeiro: Tipografia da Empresa Democrática Editora, 1896.

AROSA, Guido Vieira. Da opressão à emancipação – a metamorfose da crítica ao romance “Bom Crioulo”, de Adolfo Caminha. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, Aracaju, v. 6, n. 2, p. 163 – 174, Out. 2017.

AVILA, Roberto. Bom Crioulo. Disponível em: <<https://robertoavila.com.br/aulas/resumos/Bom%20crioulo.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

AZEVEDO, Sânzio de. *Adolfo Caminha: vida e obra*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1997.

AZEVEDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

AZEVEDO, Sânzio de (Org.). *O Pão da Padaria Espiritual*. Fortaleza, CE: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.

BAHIA, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BAILEY, David J. As traições de Adolfo Caminha: *Bom Crioulo* e a “crioulização” do naturalismo. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n. 29, p. 119-142, 2017.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Bom Crioulo: um romance da literatura gay made in Brazil*. *Revista de Letras*, vol. 1/2, n. 28, p. 94-1000, jan.-dez. 2006.

BEZERRA, Carlos Eduardo. *Bom Crioulo: um romance da literatura gay made in Brazil*. *Revista de Letras*, n. 28, vol. 1/2, p. 1-16, jan./dez. 2006.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Editora UNESP/Cultura Acadêmica, 2009.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 52.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRAGA, Rafael. Revolta do Vintém, o que foi? Contexto histórico, causas e consequências. *Conhecimento Científico*, 20/01/2023. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/revolta-do-vintem/> Acesso em: 24/07/2025.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Divulgação da ciência nas revistas científico-literárias brasileiras do século XIX. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcti/pt-br/rede-mcti/mast/projetos-de-pesquisa/coordenacao-de-historia-da-ciencia-e-tecnologia-cohct/divulgacao-da-ciencia-nas-revistas-cientifico-literarias-brasileiras-do-seculo-xix>>. Acesso em: 28 jan. 2025.

BULHÕES, Marcelo. *Leituras do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2003.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. Cotia, São Paulo: Ateliê, 2014.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. Apresentação e notas de Salete de Almeida Cara. Cotia, São Paulo: Atêlie, 2014.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2008.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2012.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. Uma História de Paixão e Tragédia. In: CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 13.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

CANDIDO, Antonio. De Cortiço a Cortiço. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 123-152.

CARA, Salete de Almeida. Apresentação. In: CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. Apresentação e notas de Salete de Almeida Cara. Cotia, São Paulo: Atêlie, 2014. p. 9-63.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Eusébio Macário: História natural e social no tempo dos Cabrais*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, [1879] 2014 (Projeto Livro Livre, 427). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0Bxv_nrBMckK-

bmjkt1pmVWJfSXc/view?resourcekey=0-UpPdLh7Hd8GwF1ClKjS9eg Acesso em: 08/02/2025.

CASTRO, Viveiros de. *Atentados ao pudor: aberrações sexuais*. Recife: Hugo & Comp. Editores, 1895.

CAVALCANTI, Valdemar. O Enjeitado Adolfo Caminha. In: HOLANDA, Aurélio Buarque de. (Coord.). *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952. p. 179-190.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: EdUFGD, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Paula Neves. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

COSTA, Carlos. A revista no Brasil do século XIX. Alameda Editorial. Disponível em: <https://www.alamedaeditorial.com.br/historia/a-revista-no-brasil-do-seculo-xix-2a-edicao-de-carlos-costa> Acesso em: 28 jan. 2025.

COSTA, Johnatas dos Santos. Entre a norma e a transgressão: Uma história do jornal pornográfico *O Rio Nu* (1898-1916). *Aedos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, P. 439-479, outubro 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Trad. Liane Schneider. *Revista Estudos Feministas*, vol. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

Direitos da Comunidade LGBTQIAPN+ e Combate à LGBTFobia, Ministério Público do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

FERREIRA, Cassio Dandoro Castilho. O naturalismo no Brasil: uma leitura crítica de Nelson Werneck Sodré. *Anais do Congresso da ABRALIC*, 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1168-1.pdf> Acesso em: 10 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (Baú de histórias).

GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto (Orgs.). *O Naturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

HOWES, Robert (2005). Raça e sexualidade transgressiva em *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha. *Graphos*. João Pessoa: UFPB, vol. 7, nº 2/1, p. 171-190, 2005.

HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha. *Graphos*, v. 13, n. 1, p. 171-185, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/9459/5112/11651>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

LÉO. Adolpho Caminha. *Don Quixote*, n. 78, p. 3 e 6, 9 de janeiro de 1897.

LIMA, Marcos S. S. de. Literatura e sociedade: as práticas discursivas na obra *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 23, n. 44, p. 383-399, jan.-jun. 2018.

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MAGALHÃES, Valentim. Semana Litteraria. *A Noticia*, Rio de Janeiro, p. 1, 20-21 nov. 1895.

MARTINS FONTES PAULISTA. A revista no Brasil do século XIX. Disponível em: <<https://www.martinsfontespaulista.com.br/a-revista-no-brasil-do-seculo-xix-887806/p>>. Acesso em: 28 jan. 2025.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira: 1877-1896*. Vol. IV, 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

MENDES, Leonardo. Naturalismo com aspas: *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, a homossexualidade e os desafios da criação literária. *Revista Gragoatá*, v. 8, n. 14, p. 29-44, 1º sem. 2003. Dossiê: Corpos, erotismo e sexualidade.

MENDES, Leonardo. O crítico Adolfo Caminha e as batalhas pelo reconhecimento literário. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 8, p. 94-103, julho de 2012

MENEZES, Raimundo de. Adolfo Caminha esse desconhecido... In: CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. 3. ed. São Paulo: Jornal dos Livros, 1950.

MEYER, Marlyse. *Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica*. In: _____. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. p. 109-96.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

MONTENEGRO, Olívio. *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata: subsídios para a história da sublevação na Esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

NAZARIO, Luiz. Quadro Histórico do Período Naturalista. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto (Orgs.). *O Naturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 13-38.

O Rio Nu. Treze de Maio. Rio de Janeiro, 1904, p. 2.

PESSOA, Frota. *Crítica e polêmica*. Rio de Janeiro: Editor Arthur Gurgulino, 1902.

RIBEIRO, Saboia. *Roteiro de Adolfo Caminha: a vida, o homem e a obra*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

RIBEIRO, Saboia. *O romancista Adolfo Caminha*. Em comemoração ao seu centenário: 1867 – 1967. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.

RIBEIRO, Saboia. Nota preliminar. In: CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1976. (Série Bom Livro).

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROMERO, Silvio. *O Naturalismo em Literatura*. São Paulo: Typographia da Província de São Paulo, 1882.

SANTOS, Ricardo dos; LIMA, Carla Regina de Oliveira (Orgs.). A primeira recepção de *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha. *Soletras*, v. 30, n. 2, p. 1-18, jul./dez., 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/download/19166/15918/70656>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SCHMIDT, Natália Murad do Prado. *A banalidade do mal: Uma análise da homossexualidade*. Dissertação (Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2021.

SILVA, Daniel Neves. Revolta da Chibata. *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilestola.uol.com.br/historiab/revolta-chibata.htm>>. Acesso em 24 de julho de 2025.

SILVA, Maria de Fátima da; SANTOS, José Carlos dos. *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha: particularidades de uma narrativa homoerótica no naturalismo brasileiro. *Revista de Letras*, v. 28, n. 1/2, p. 1-15, dez. 2023. Disponível em: <<https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1165>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SOARES, Bruno Martins. *Sujeitos de reconhecimento: uma análise dos limites do reconhecimento a partir do julgamento sobre a “união homoafetiva” no Brasil*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOBRINHO, Antonio Ferreira. Turismo militar na Bahia de Guanabara: uso do patrimônio histórico e cultural militar existente no seu entrono. *Revista do Exército Brasileiro*, v. 156, n. p. 51-67, 2º quadrimestre de 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. (Coleção Vera Cruz, 82).

TEIXEIRA, Cristiane Garcia. Padeiros do espírito. *Jornalismo & História*. 25 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://jornalismoehistoria.sites.ufsc.br/2022/02/25/padeiros-do-espirito/#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20buscar%20despertar%20na,fortunas%20adquiridas%20atrav%C3%A9s%20da%20explora%C3%A7%C3%A3o.> Acesso em: 09/02/2024.

VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido. A recepção crítica e a representação da homossexualidade no romance *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 20, 2013. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2013/a-recepcao-critica-e-a-representacao-da-homossexualidade-no-romance-bom-crioulo-de-adolfo-caminha/> Acesso em: 15/07/2025.

VERISSIMO, José. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Edusp, 1977.

VERISSIMO, José. *História da literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

VERISSIMO, José. Imprensa. *Jornal do Comércio*, 27 de novembro de 1895.

ZOLA, Émile. *Œuvres complètes*, 9. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2004.

ZOLA, Émile. *O romance experimental*. Introdução, tradução e notas de Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

ZOLA, Émile. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Edusp, 1995.

Sítios Consultados

Biblioteca Nacional Digital Brasil. Adolfo Caminha. Biografia. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/adolfo-caminha/> Acesso em: 16/07/2025.

Brasiliiana fotográfica. Câmara e Cadeia Velha em 1911, na Rua da Misericórdia (RJ). Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/> Acesso em: 01/08/2025.

Hemeroteca Digital - BNDigital - Fundação Biblioteca Nacional.

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>